



A CENTRALIDADE REGIONAL DE CASCAVEL/PR E SEUS EFEITOS SOBRE SUA REGIÃO IMEDIATA: UM OLHAR HISTÓRICO- GEOGRÁFICO

Jocimara Ávila ¹
Bruno Ferreira Campos ²

RESUMO

Este artigo investiga a centralidade regional de Cascavel, no Oeste do Paraná, e seus impactos nos municípios vizinhos, com foco na Região Geográfica Imediata (RGI-06). A pesquisa articula a análise da consolidação de Cascavel como polo urbano e regional, impulsionada por lógicas de desenvolvimento global e sua estrutura produtiva, com os efeitos diretos sobre a dinâmica socioespacial de cidades vizinhas, a exemplo de Catanduvas, objeto de interesse na pesquisa da qual derive o presente texto. Utilizando os conceitos de verticalidades e horizontalidades de Milton Santos, o estudo examina como a concentração de empregos, serviços, lazer e cultura em Cascavel gera uma assimetria funcional, evidenciada pelo movimento pendular diário. A metodologia combina abordagens qualitativas e quantitativas, sendo constituída a partir de revisão bibliográfica, pesquisa documental (incluindo dados históricos sobre a colonização da região) e a análise de dados secundários de fontes como o IBGE, especialmente a pesquisa “Regiões de Influência das Cidades”. O objetivo é pontuar os aspectos mais relevantes, que ajudam a caracterizar histórico-geograficamente a região de Cascavel e suas repercussões, investigando como esta cidade-polo promove ou restringe o desenvolvimento dos demais municípios da RGI-06. A superação das disparidades exige a valorização das potencialidades locais, promovendo um desenvolvimento regional mais equitativo e transformando a relação de dependência em uma articulação de complementaridades.

Palavras-chave: Movimento Pendular, Centralidade Urbana, Catanduvas, Cascavel, Geografia Urbana.

RESUMEN

Este artículo investiga la centralidad regional de Cascavel, en el oeste de Paraná, y sus impactos en los municipios vecinos, con especial atención a la Región Geográfica Inmediata (RGI-06). La investigación articula un análisis de la consolidación de Cascavel como centro urbano y regional, impulsada por la lógica del desarrollo global y su estructura productiva, con los efectos directos en la dinámica socioespacial de ciudades vecinas, como Catanduvas, objeto de interés en la investigación de la que se deriva este texto. A partir de los conceptos de verticalidad y horizontalidad de Milton Santos, el estudio examina cómo la concentración de empleos, servicios, ocio y cultura en Cascavel genera una asimetría funcional, evidenciada por los desplazamientos diarios. La metodología combina enfoques cualitativos y cuantitativos, consistentes en una revisión bibliográfica, investigación documental (incluyendo datos históricos sobre la colonización de la región) y el análisis de datos secundarios de fuentes como el IBGE (Instituto Brasileño de Geografía y Estadística), especialmente la encuesta "Regiones de Influencia de las Ciudades" (REGIC, 2016). El objetivo es destacar los aspectos más relevantes que ayudan a caracterizar el carácter histórico-geográfico de la región de Cascavel y sus impactos, investigando cómo esta ciudad-centro promueve o restringe el desarrollo de otros municipios de la RGI-06. Superar estas

¹ Discente no Programa de Pós-graduação em Geografia- PPGGeo da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-PR; Membro do grupo de pesquisa Geografia das Lutas no Campo e na Cidade- Geolutas e do grupo de pesquisa Território e Ambiente-GTA, ambos cadastrados pelo CNPq, jocimara.avila@unioeste.com;

² Doutor em Geografia. Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no curso de Geografia, Campus de Marechal Cândido Rondon/PR. bruno.campos4@unioeste.br.



disparidades requiere valorar el potencial local, promover un desarrollo regional más equitativo y transformar la relación de dependencia en una combinación de complementariedades.

Palabras clave: Desplazamientos, Centralidad urbana, Catanduvas, Cascavel, Geografía urbana.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade urbana e regional é marcada pela intensificação de interconexões e a redefinição de hierarquias, fenômenos catalisados pela globalização. Compreender a dinâmica de um polo regional, como Cascavel/PR, e seus impactos nos municípios vizinhos, a exemplo de Catanduvas, é crucial para desvendar as complexas relações de dependência e os fluxos populacionais que moldam o desenvolvimento territorial. O movimento pendular, traduzido nos deslocamentos diários de trabalhadores e estudantes, emerge como a manifestação mais visível dessa assimetria funcional entre as cidades.

Este trabalho completo exprime parcela do esforço que tem sido desprendido na construção de uma pesquisa, em nível de mestrado, intitulada *Movimento Pendular e a Centralidade Regional De Cascavel: Fluxos Entre Cascavel e Catanduvas (PR)*, que tem sido desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGGeo, Nele, buscou-se adensar um pouco da perseguição de um dos objetivos específicos da pesquisa, que é o de caracterizar, sob uma perspectiva histórico-geográfica, a consolidação de Cascavel como centro regional e sua influência sobre Catanduvas. O objetivo é aprofundar a compreensão das causas históricas e das consequências socioespaciais que levam à dependência de Catanduvas, explorando a dialética entre as lógicas globais e regionais (verticalidades) e as realidades locais (horizontalidades). A pesquisa se ampara em dados demográficos e econômicos do IBGE e em documentos históricos para fornecer uma fundamentação robusta. A análise se insere no contexto da pesquisa “Regiões de Influência das Cidades” (REGIC) (Moura; Pêgo, 2016), que reconhece a atratividade de Cascavel sobre os municípios de sua região geográfica imediata (RGI-06).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: VERTICALIDADES E HORIZONTALIDADES NO ESPAÇO URBANO

A centralidade regional de Cascavel e os movimentos pendulares que a conectam a Catanduvas podem ser compreendidos pela ótica das verticalidades e horizontalidades, conceitos desenvolvidos por Milton Santos (2000). As verticalidades representam forças



externas e hegemônicas que estruturam o território, como as lógicas do capital global, grandes empresas e o Estado. Em Cascavel, essas verticalidades se materializam no fortalecimento do agronegócio, na industrialização e na concentração de serviços especializados, consolidando a cidade como polo econômico e administrativo da região. A ascensão de Cascavel, com um PIB per capita de R\$ 46.976,49 em 2021 (IBGE, 2022a) é acompanhada pela ampliação de equipamentos urbanos que reforçam sua atratividade, incluindo centros comerciais, culturais, esportivos e de lazer.

Em contraposição, as horizontalidades dizem respeito ao cotidiano vivido localmente, às práticas sociais e às relações construídas nos territórios menores. Catanduvas, com 10.446 habitantes e PIB per capita de R\$ 35.091,66 em 2021 (IBGE, 2022b), exemplifica essa dimensão. A limitada oferta de ensino superior, empregos qualificados e serviços especializados cria dependência funcional em relação a Cascavel, evidenciada pelos fluxos pendulares diários de trabalhadores e estudantes. Nesse sentido, o movimento pendular revela a tensão entre o tempo real imposto pelas verticalidades de Cascavel e o tempo vivido pelas horizontalidades catanduvenses, consolidando um padrão de desigualdade territorial.

Além da centralidade econômica, Cascavel exerce influência significativa por meio da infraestrutura de lazer e cultura, que se configura como dimensão complementar da sua atratividade regional. Centros esportivos, academias, parques urbanos, shoppings, museus, teatros e centros de entretenimento funcionam como polos de socialização, cultura e recreação, reforçando a força de atração da cidade. Essa oferta multidimensional de serviços cria um fenômeno em que os deslocamentos diários não se restringem ao trabalho e à educação, mas também englobam o lazer e a participação cultural, ampliando a dependência de Catanduvas em relação à cidade-polo.

A compreensão dessa dinâmica é corroborada pelos dados da Pesquisa Regiões de Influência das Cidades (REGIC 2018) do IBGE, que classifica Cascavel como um centro sub-regional de alta influência. A REGIC demonstra que os fluxos pendulares de trabalhadores e estudantes não são meramente circunstanciais, mas expressão de um fenômeno estrutural, moldado pela posição de Cascavel na rede urbana regional. Assim, o movimento pendular incorpora não apenas a dimensão econômica, mas também os aspectos culturais, recreativos e sociais, evidenciando a centralidade multidimensional do município.

O movimento pendular entre Catanduvas e Cascavel constitui uma das expressões mais evidentes da assimetria regional, configurando-se como indicador empírico da centralidade exercida pela cidade. Tal fenômeno se explica pela concentração de empregos, serviços especializados e equipamentos urbanos em Cascavel, o que gera uma força de atração cotidiana



sobre os municípios vizinhos. Conforme já apontava Christaller (1966, p. 72) em sua Teoria dos Lugares Centrais, a lógica da hierarquia urbana estabelece centros dotados de maior capacidade de polarização, responsáveis por atrair fluxos populacionais e econômicos de localidades de menor porte, como é o caso de Catanduvas. Ele detalha essa lógica, apresentando a estrutura hierárquica de cidades, vilas e aldeias, explica como cada nível de centro oferece diferentes tipos de bens e serviços e descreve a relação de interdependência entre os centros de maior e menor nível, reforçando a ideia de que os centros maiores “polarizam” uma área de influência mais ampla.

O desenvolvimento de Cascavel, impulsionado pelas verticalidades do agronegócio e pela industrialização, consolidou uma posição central na rede urbana regional. Durante o regime civil-militar (1964–1985), o Estado brasileiro implementou um conjunto de planos voltados à modernização da agricultura e à expansão do agronegócio, articulados aos Planos Nacionais de Desenvolvimento e à política de integração territorial (Campos, 2011). Essa política estava articulada aos Planos Nacionais de Desenvolvimento e ao projeto de integração territorial, que visava transformar áreas de fronteira agrícola em polos produtivos dinâmicos. No caso do Oeste do Paraná, região marcada por intensos fluxos migratórios e pela ocupação relativamente recente, essas iniciativas tiveram efeitos profundos, consolidando a base agroindustrial que ainda caracteriza a economia local.

O II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), implementado no auge do regime civil-militar, constituiu-se como a base macroeconômica que justificou e impulsionou profundas transformações agrárias e sociais em escala regional. Elaborado em resposta à crise internacional do petróleo, o plano tinha como meta fortalecer a produção de insumos básicos e alimentos, buscando ampliar a autonomia econômica do país (Mantega, 1997, p. 9). Nesse cenário, o agronegócio, em especial a produção de grãos, foi elevado à condição de setor estratégico. Cascavel, com seu território recém-ocupado e de elevado potencial agrícola, integrou-se de maneira exemplar a esse modelo, demonstrando como as diretrizes nacionais de desenvolvimento foram apropriadas localmente de forma intensa e direcionada.

A materialização dessas políticas ocorreu por meio de instrumentos como o crédito subsidiado e os incentivos fiscais, que favoreciam a modernização da agricultura. Instituições financeiras, a exemplo do BNDES (à época BNDE), ofereceram linhas de crédito de longo prazo que viabilizaram a mecanização e a expansão da produção em regiões como o Oeste do Paraná. Entretanto, o II PND contou com o respaldo de “oligarquias tradicionais”, e sua execução traduziu-se em uma modernização conservadora: a concentração de terras se intensificou, beneficiando grandes proprietários e empresas agroindustriais em detrimento dos



pequenos agricultores. Essa exclusão aprofundou desigualdades sociais e fundiárias, revelando o caráter autoritário do processo. Como ressalta Castro (*apud* Mantega, 1997, p. 55), tratava-se de um “produto de gabinete”, elaborado sem participação popular e, portanto, incapaz de mobilizar a sociedade para sua execução.

Os efeitos dessa dinâmica em Cascavel foram marcantes. A substituição da pequena produção diversificada pela monocultura de grãos resultou na expulsão de agricultores familiares e posseiros, desencadeando uma grave crise social. O avanço da concentração fundiária, aliado ao endividamento externo que sustentava o II PND, gerou tensões que explodiram em forma de resistência organizada. Foi nesse contexto que, em 1984, Cascavel sediou o primeiro encontro nacional de trabalhadores rurais sem-terra, que culminaria na criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O surgimento do MST, portanto, não pode ser entendido como fato isolado, mas como consequência direta das políticas de desenvolvimento do regime, que priorizaram a expansão do agronegócio ao custo de uma profunda dívida social no campo brasileiro. Nesse sentido, recorremos às palavras de Caldart (2001, p. 4):

Os sem-terra do MST estão sendo sujeitos de um movimento que acaba pondo em questão o modo de ser da sociedade capitalista atual e a cultura reproduzida e consolidada por ela. Fazem isto não porque professem idéias revolucionárias, nem porque este seja o conteúdo de cada uma de suas ações tomadas em si mesmas. Contestam a ordem social pelo conjunto (contraditório) do que fazem nas ocupações, nos acampamentos, nos assentamentos, nas marchas, na educação de suas crianças, jovens e adultos; pelo jeito de ser de sua coletividade, que projeta valores que não são os mesmos cultivados pelo formato da sociedade atual; fazem isto, sobretudo, pelo processo de humanização que representam, e pelos novos sujeitos que põem em cena na história do país.

O MST nasce de uma questão agrária estrutural e histórica, mas vai além da luta pela terra: transforma-se em um movimento social de massas, com caráter educativo, capaz de produzir sujeitos coletivos, os Sem Terra, que constroem uma identidade política e cultural própria.

Dessa forma, a centralidade não se limita ao plano econômico, mas abrange também dimensões sociais, culturais e simbólicas. Nesse sentido, a expressiva oferta de infraestrutura de lazer e cultura em Cascavel, que inclui centros esportivos, áreas verdes urbanizadas e centros de entretenimento, amplia ainda mais sua capacidade de polarização, fortalecendo a dependência dos municípios circunvizinhos. Trata-se de um resultado direto da priorização dos arranjos econômicos e agroindustriais da região, que, ao se consolidarem como eixo estratégico da modernização conservadora durante o regime civil-militar, também estimularam a



concentração de investimentos e serviços urbanos em Cascavel, reafirmando sua centralidade histórica e atual no Oeste do Paraná.

Um dos instrumentos centrais foi o PROTERRA (1971), criado com o discurso de redistribuir terras em áreas de fronteira agrícola e estimular a agroindústria. Na prática, esse programa contribuiu para a incorporação produtiva do território, mas também reforçou processos de concentração fundiária, ao favorecer médios e grandes produtores integrados às políticas estatais (Abreu, 2001). Complementarmente, o POLOSUL, lançado nos anos 1970, teve como meta a criação de polos agroindustriais no Sul do país, especialmente voltados à produção de grãos e proteína animal. No Oeste do Paraná, tal iniciativa resultou no fortalecimento de cooperativas agrícolas – como Copacol, Coopavel, Lar e C. Vale – e na diversificação da base produtiva com ênfase em soja, milho e aves (Abreu, 2001).

A articulação dessas medidas ocorreu no âmbito dos Planos Nacionais de Desenvolvimento. O I PND (1972–1974) priorizou a modernização inicial e a infraestrutura necessária ao escoamento da produção, como estradas e armazéns. Já o II PND (1975–1979) intensificou a industrialização e a agroindustrialização, incentivando a instalação de frigoríficos, silos e cooperativas exportadoras, conforme quadro 1. Foi nesse contexto que cidades como Cascavel se consolidaram como polos regionais de agroindústria, assumindo centralidade no processo de integração produtiva.

Outro fator decisivo foi a política de crédito rural subsidiado, que facilitou o acesso a tratores, implementos e insumos agrícolas. Esse financiamento, canalizado em grande medida pelas cooperativas, permitiu a mecanização e a integração de agricultores familiares ao modelo agroexportador. Ao mesmo tempo, o investimento em infraestrutura rodoviária e energética, como a pavimentação da BR-277 e a expansão da rede elétrica, garantiu a ligação direta do Oeste paranaense ao Porto de Paranaguá, consolidando o escoamento de grãos e ampliando a inserção da região nos circuitos internacionais de exportação.

Assim, observa-se que a modernização agrícola conservadora do Oeste do Paraná não foi um processo espontâneo, mas resultado de uma política de Estado, conduzida pelos governos civil-militares, que combinou incentivos econômicos, investimentos em infraestrutura e apoio institucional ao cooperativismo. Conforme destaca Silvana de Abreu (2001), esse conjunto de medidas estruturou as bases do agronegócio regional, transformando uma economia de subsistência em um polo dinâmico e articulado ao mercado global.



Quadro 1 – Estruturação do Agronegócio (1964–1985)

Plano/Programa	Ano de Criação	Objetivo Principal	Efeitos no Oeste do Paraná
PROTERRA – Programa de Redistribuição de Terras e Estímulo à Agroindústria	1971	Redistribuir terras em áreas de fronteira agrícola e incentivar agroindústrias.	Favoreceu a ocupação produtiva, mas reforçou a concentração fundiária. Incentivou instalação de agroindústrias ligadas ao grão e proteína animal.
POLOSUL	Início nos anos 1970	Estimular polos agroindustriais no Sul (grãos, aves, suínos).	Fortaleceu cooperativas (Copacol, Coopavel, Lar, C.Vale). Ampliou cadeias de soja, milho e frango.
I PND – Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento	1972–1974	Integrar território e modernizar setores estratégicos, incluindo o campo.	Investimentos iniciais em infraestrutura (estradas, armazéns). Criação de condições para escoamento agrícola.
II PND – Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento	1975–1979	Intensificar industrialização e agroindustrialização; apoiar cooperativas.	Instalação de agroindústrias, frigoríficos e silos. Cascavel e Toledo se consolidam como polos agroindustriais.
Política de Crédito Rural Subsidiado	Década de 1970	Financiar mecanização e insumos agrícolas.	Expansão do uso de tratores, implementos e fertilizantes. Agricultores familiares se integraram às cooperativas, que passaram a intermediar crédito.
Infraestrutura Rodoviária e Energética (ex.: BR-277)	Década de 1970	Garantir integração nacional e escoamento para exportação.	Porto de Paranaguá ligado diretamente ao Oeste. Fluxo exportador da soja consolidado. Energia e rodovias viabilizaram agroindústrias regionais.

Fonte: A autora. (2025).

Esses equipamentos, ao funcionarem como espaços de reprodução social e de consumo cultural, configuram aquilo que Lefebvre (1999) descreve como centralidade urbana: um lugar onde a vida social se intensifica e se concentra, reforçando hierarquias e desigualdades territoriais. Onde o espaço não é um pano de fundo neutro, mas um produto social que reflete e, ao mesmo tempo, reforça as relações de poder e as contradições do capitalismo. Lefebvre (2001, p. 28) descreve a centralidade urbana como um fenômeno multifacetado, que vai além da simples localização geográfica.

A urbanização se amplia. A sociedade urbana se generaliza. A realidade urbana, na e por sua própria destruição, faz-se reconhecer como realidade sócio-econômica. Descobre-se que a sociedade inteira corre o risco de se decompor se lhe faltarem a cidade e a centralidade: desapareceu um dispositivo essencial para a organização planificada da produção e do consumo.

Para ele, a cidade se torna um espaço onde a vida social se intensifica e se concentra, servindo como o local privilegiado para a “reprodução social” (Lefebvre, 2001). Isso inclui a



reprodução da força de trabalho e das relações sociais capitalistas. Os equipamentos urbanos (como shoppings, centros culturais, e infraestruturas de lazer) são fundamentais nesse processo, pois são os locais onde o consumo cultural e a interação social acontecem de forma intensa. Onde a cidade deixou de ser “um lugar entre outros” para se tornar uma infraestrutura socioeconômica essencial. É justamente quando a urbanização mercantil tende a corroer a cidade-obra (segregar, dispersar, privatizar) que percebemos o quanto precisamos de centralidades públicas, acessíveis e articuladoras, porque sem elas, a produção, o consumo e a própria coesão social se desorganizam. Assim, quando retratamos Cascavel-Catanduvas, cada indicador de pendularidade e de busca por serviços superiores é uma peça dessa demonstração.

Portanto, essa dinâmica de centralização não é neutra. Ao intensificar a vida em certos “centros”, o processo de urbanização capitalista gera e aprofunda hierarquias e desigualdades territoriais. Os centros se tornam locais de consumo e poder, enquanto as periferias e áreas de menor atração são marginalizadas e esvaziadas, reforçando as disparidades econômicas e sociais.

A ausência de estruturas equivalentes em Catanduvas faz com que os fluxos de deslocamento não se restrinjam ao âmbito laboral e educacional, mas incluam também o lazer, a cultura e a recreação, ampliando a condição de periferia funcional do município. Essa realidade demonstra que a centralidade cascavelense não se traduz em desenvolvimento homogêneo da região, mas sim na consolidação de um padrão de dependência estrutural. Superar tais disparidades exige, políticas públicas que promovam a descentralização relativa, estimulando as horizontalidades locais e valorizando as potencialidades endógenas de municípios como Catanduvas. Somente assim será possível caminhar em direção a uma rede urbana mais equilibrada, onde a centralidade de Cascavel não represente a estagnação de sua periferia imediata, mas sim a articulação de complementaridades regionais.

Portanto, a centralidade de Cascavel não se restringe à concentração de riqueza ou à atração de fluxos de trabalho; ela se manifesta também na capacidade de organizar e irradiar atividades culturais, esportivas e recreativas, consolidando um padrão de influência que perpassa todas as esferas da vida urbana. A análise revela que a dependência de Catanduvas é complexa e multifacetada, resultado de um processo histórico e estrutural, no qual a verticalidade de Cascavel e a insuficiência das horizontalidades locais se articulam, gerando fluxos permanentes que refletem a hierarquia regional e a assimetria socioespacial.



CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA: A FORMAÇÃO DO OESTE DO PARANÁ E O PAPEL DOS MUNICÍPIOS DE CASCAVEL E CATANDUVAS

Para compreender a atual relação de dependência entre Catanduvas e Cascavel, é fundamental revisitar a história da colonização do Oeste do Paraná. A ocupação da região foi distinta daquela do litoral, com a exploração inicial dominada por empresas argentinas, as “obrages”, focadas na extração de erva-mate e madeira (Sperança, 2022). Esses “obrageiros”, empreendimentos de origem majoritariamente argentina, desempenharam papel central na ocupação econômica do Oeste do Paraná durante o período de colonização da região. Voltados à exploração de recursos naturais, especialmente a madeira e a erva-mate, esses empreendimentos estabeleceram os primeiros núcleos produtivos e habitacionais, organizando grandes áreas de terra e estruturando o território de acordo com as demandas de exploração. A presença dos obrageiros não apenas moldou o espaço físico, com estradas, alojamentos e infraestrutura mínima, mas também determinou relações sociais específicas, ao atrair mão de obra concentrada em torno das unidades produtivas.

Em municípios como Catanduvas, essa lógica contribuiu para a formação de comunidades dependentes economicamente dessas atividades, enquanto Cascavel, posteriormente, ampliaria sua centralidade ao diversificar sua economia, incorporando atividades industriais, agropecuárias e de serviços, consolidando-se como polo regional. Assim, os obrageiros constituem um elemento histórico fundamental para compreender a gênese das hierarquias territoriais e das relações de dependência que ainda hoje caracterizam a dinâmica entre Catanduvas e Cascavel.

Essa diferenciação inicial de papéis, com Catanduvas atrelada à extração e Cascavel em vias de diversificação, estabeleceu as bases para a assimetria que se aprofundaria no século XX. Contudo, a trajetória histórica de Catanduvas não se restringe apenas à sua função econômica; a cidade também foi palco de eventos políticos de grande relevância, como a Revolução Tenentista de 1924 (Angélico, 2000), que deixou uma herança histórica que, embora não tenha alterado sua dependência funcional, moldou sua identidade e memória local. A história de Catanduvas está intrinsecamente ligada a esse processo e, em particular, à Revolução Tenentista de 1924, ressaltando que a cidade não foi um “espaço vazio” antes da expansão de Cascavel, mas sim um local com uma história e uma relevância geopolítica própria. E apesar de terem suas próprias histórias e processos de colonização, acabaram sendo submetidos, em um período mais recente, à dinâmica de centralidade de Cascavel, o que fortalece o pensamento sobre a verticalidades e horizontalidades existente. O movimento, liderado por oficiais como Isidoro



Dias Lopes e Miguel Costa, buscava reformas políticas e se espalhou por várias partes do país, culminando em confrontos decisivos no Oeste do Paraná (Angélico, 2000). A “Batalha de Catanduvas” foi um ponto crucial, resultando na rendição dos rebeldes e deixando marcas profundas na memória local (IBGE, 2022b). Esse evento histórico não apenas moldou a identidade da cidade, mas também evidenciou as tensões políticas e sociais do Brasil na época.

Cascavel, por sua vez, foi emancipado em 14 de dezembro de 1952, e sua ascensão se deu de forma acelerada. O fim do ciclo da madeira, no final da década de 1970, marcou uma transição para a industrialização e, principalmente, para a consolidação da atividade agropecuária, com a produção de soja e milho (IBGE, 2022a). Esse processo de modernização econômica e a concentração de infraestrutura e serviços solidificaram a cidade como o principal polo regional. Enquanto Cascavel se verticalizava e diversificava sua economia, Catanduvas, com uma economia menos diversificada e uma frota veicular significativamente menor (6.444 veículos contra 293.066 em Cascavel em 2024), passou a desempenhar um papel complementar, mas dependente (IBGE, 2022a).

O êxodo rural e as migrações internas, que se intensificaram no Brasil a partir do século XX, também contribuíram para a dinâmica da região. A população de Catanduvas se deslocou em busca de oportunidades, e Cascavel, com sua oferta de empregos e serviços, se tornou o destino pendular preferido até os dias atuais.

METODOLOGIA

Os resultados aqui apresentados derivam de uma abordagem metodológica mista, articulando procedimentos qualitativos e quantitativos a fim de compreender, em diferentes dimensões, a centralidade regional de Cascavel e seus efeitos sobre Catanduvas. Essa combinação metodológica se justifica pela necessidade de captar tanto os aspectos objetivos das disparidades socioeconômicas quanto as dimensões simbólicas, históricas e culturais que atravessam a relação entre os municípios.

No plano qualitativo, a investigação foi conduzida por meio de revisão de literatura e pesquisa documental. A revisão de literatura abrangeu autores clássicos e contemporâneos sobre urbanização, rede urbana, hierarquia de cidades e centralidade regional (Christaller, 1933; Corrêa, 1989; 2000 Santos, 2000; Lefebvre, 1970), possibilitando a construção de um quadro teórico robusto para interpretar o fenômeno. A pesquisa documental incluiu a análise de relatórios e bases do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em especial o estudo Regiões de Influência das Cidades (REGIC), bem como registros históricos sobre a colonização



do Oeste do Paraná e a Revolução Tenentista de 1924 (Angélico, 2000). Esse procedimento permitiu contextualizar a gênese da centralidade de Cascavel e compreender as raízes da condição periférica de Catanduvas.

No plano quantitativo, a pesquisa recorreu a dados secundários de fontes oficiais (IBGE, 2010; 2022a; 2022b; IPEA, 2024; IPARDES, 2024a; 2024b) relativos à população, Produto Interno Bruto (PIB), frota veicular, oferta educacional e indicadores de emprego. Esses dados foram sistematizados e comparados entre Cascavel e Catanduvas, com vistas a mensurar as assimetrias socioeconômicas e territoriais. Para tanto, foram aplicadas técnicas de análise comparativa e de estatística descritiva, capazes de evidenciar a magnitude das disparidades.

Complementarmente, o estudo considerou o movimento pendular como indicador empírico central. Esse fenômeno foi analisado a partir de dados censitários (IBGE, 2010; 2022a, 2022b), possibilitando observar padrões de deslocamento diário entre os dois municípios. Essa análise foi enriquecida pela inclusão da variável infraestrutura de lazer e cultura, investigando como equipamentos urbanos como *shoppings*, parques e centros esportivos de Cascavel ampliam sua atratividade para além do âmbito laboral e educacional.

Essa triangulação de métodos possibilita uma abordagem abrangente e crítica, permitindo não apenas descrever a desigualdade existente entre Cascavel e Catanduvas, mas também compreender os mecanismos históricos, econômicos e simbólicos que a sustentam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O avanço da pesquisa, do qual este trabalho completo resulta, tem evidenciado que o movimento pendular constitui a principal expressão da assimetria regional existente entre Cascavel e Catanduvas. A centralização dos empregos e serviços em Cascavel exerce uma força de atração constante, moldando o cotidiano de catanduvenses que, diariamente, se deslocam em busca de melhores oportunidades de trabalho, estudo e consumo. Esse fluxo cotidiano não é apenas um dado estatístico, mas uma manifestação concreta da dependência estrutural que se estabelece dentro da rede urbana, em que Cascavel ocupa a posição de polo e Catanduvas atua como periferia funcional.

O desenvolvimento de Cascavel, fortemente impulsionado pelas verticalidades do agronegócio, pela industrialização e pela crescente oferta de serviços especializados, não se traduziu em um crescimento homogêneo para sua região imediata. Ao contrário, reforçou uma hierarquia espacial que acentua as desigualdades territoriais. Entretanto, para além da dimensão econômica, é preciso destacar que Cascavel também se consolidou como referência regional



pela expressiva oferta de infraestrutura de lazer e cultura. A cidade dispõe de centros esportivos modernos, áreas verdes urbanizadas, museus, teatros, casas de espetáculo e espaços culturais que se tornaram atrativos não apenas para seus habitantes, mas também para os moradores dos municípios vizinhos.

Esses atrativos, desde centros de entretenimento, *shoppings* e recreação até arenas multiuso e parques públicos, funcionam como elementos de centralidade simbólica e social, ampliando o alcance da influência cascavelense para além das esferas produtivas. Ao oferecer lazer e cultura em grande escala, Cascavel reafirma sua posição de polo regional, ao mesmo tempo em que intensifica os fluxos de deslocamento de Catanduvas, cujas opções locais são limitadas e incapazes de competir com a diversidade e a qualidade de serviços disponíveis em uma cidade como Cascavel.

Para mitigar essa dependência, o estudo aponta para a necessidade de políticas públicas que fortaleçam as horizontalidades de Catanduvas. Isso inclui a diversificação econômica local, com foco em nichos de mercado complementares, e a criação de parcerias com instituições de ensino de Cascavel para levar cursos de capacitação e ensino superior ao município. A mobilidade urbana também deve ser priorizada, com o subsídio ao transporte público intermunicipal e a promoção de soluções de transporte colaborativo.

A prosperidade de Cascavel não deve ser compreendida como um processo isolado, tampouco edificada à custa da estagnação ou da dependência estrutural dos municípios vizinhos. Pelo contrário, sua condição de centralidade regional pode e deve ser convertida em um motor de desenvolvimento que reverbere para toda a rede de cidades da sua região imediata. Essa dinâmica, entretanto, exige um planejamento territorial que ultrapasse a lógica concentradora, muitas vezes limitada à maximização dos fluxos que convergem para o polo, e passe a considerar a importância da valorização das potencialidades locais de municípios como Catanduvas.

Fortalecer as horizontalidades de Catanduvas significa reconhecer que a integração regional não se dá apenas pela dependência dos serviços, do emprego e do ensino superior disponíveis em Cascavel, mas também pelo estímulo às capacidades endógenas de produção, inovação e geração de oportunidades. Nesse sentido, políticas públicas orientadas por uma visão de justiça espacial e de equilíbrio territorial podem criar as condições para que a centralidade de Cascavel não se traduza em assimetrias ainda maiores, mas sim em complementaridades que beneficiem ambos os municípios.

Somente a partir dessa perspectiva, que une a centralidade metropolitana ao fortalecimento das cidades de menor porte, será possível construir um futuro mais justo,



inclusivo e equilibrado, em que Cascavel continue a cumprir sua função de polo regional, mas sem reproduzir padrões de concentração e desigualdade que fragilizam a autonomia e a vitalidade socioeconômica de sua região imediata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento pendular entre Catanduvas e Cascavel é a expressão concreta de uma hierarquia urbana construída historicamente e que se aprofunda com as lógicas da globalização. A pesquisa contribui para a compreensão dessa dinâmica, evidenciando que a superação da dependência exige uma nova perspectiva de planejamento territorial. A articulação entre os municípios, por meio de consórcios ou outras formas de cooperação, pode transformar a relação de dependência em complementaridade.

Para dar profundidade a essa conclusão, a compreensão da dialética entre as verticalidades de Cascavel e as horizontalidades de Catanduvas é, portanto, o primeiro passo para se pensar em um desenvolvimento regional mais justo e menos assimétrico. Ao reconhecer que a centralidade cascavelense não é um fenômeno neutro, mas um produto social que reflete e reforça as relações de poder, o planejamento deixa de ser apenas uma técnica e se torna um ato político.

A superação das assimetrias exige, em última instância, políticas públicas que fomentem as potencialidades endógenas dos municípios menores, transformando sua posição de provedores de mão de obra em parceiros funcionais. É a partir do estímulo às capacidades de produção e inovação locais que a rede urbana, entendida como um reflexo social, pode se reestruturar de maneira mais equilibrada. Dessa forma, a centralidade de Cascavel não se traduzirá mais na estagnação de sua periferia, mas na articulação de complementaridades regionais que beneficiam a todos, impulsionando a complexificação funcional e a intensificação das interações entre os centros.

REFERÊNCIAS

- ANGÉLICO, Sonia Aparecida Belin. **A história de uma cidade:** Catanduvas, Paraná. Cascavel: Edunioeste, 2000.
- ABREU, Silvana de. **Agricultura e cooperativismo no Oeste do Paraná:** uma análise geográfica. 2001. 251 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001.



CHRISTALLER, Walter. **Central places in Southern Germany**. Tradução de Carlisle W. Baskin. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.

CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos Sem Terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 207-224, 2001.

CAMPOS, Margarida de Cássia. O projeto nacional desenvolvimentista, a dinâmica da agricultura e as configurações espaciais: 1964 a 1979. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 45-62, 2011.

CORREIA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira. **Território**, v. 8, p. 121-129, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

_____. **Cidades e Estados: Catanduvas (PR)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/catanduvas/panorama>. Acesso em: 23 ago. 2025.

_____. **Cidades e Estados: Cascavel (PR)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cascavel/panorama>. Acesso em: 23 ago. 2025.

_____. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2024**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2025.

_____. **Pesquisa Nacional de Frota de Veículos por Município**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 ago. 2025.

_____. **Produto Interno Bruto dos Municípios 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2025.

_____. **Regiões de Influência das CIDADES 2018**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>. Acesso em: 18 ago. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **IpeaData** – Indicadores de Mercado de Trabalho e Desenvolvimento Regional. Brasília: IPEA, 2024. Disponível em: <https://www.ipeadata.gov.br>. Acesso em: 12 set. 2025.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES. **Caderno Estatístico** – Município de Cascavel. Curitiba: IPARDES, 2024. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br>. Acesso em: 12 set. 2025.

_____. **Caderno Estatístico** – Município de Catanduvas. Curitiba: IPARDES, 2024. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br>. Acesso em: 12 set. 2025.



LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MANTEGA, Guido. O Governo Geisel, o II PND e os Economistas. In: **EAESP-FGV**; Relatório de Pesquisa nº 3, 1997.

MOURA, Rosa; PÊGO, Bolívar. **Aglomerações urbanas no Brasil e na América do Sul**: trajetórias e novas configurações. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SPERANÇA, Alceu A. **Cascavel**: A História de Alceu A. Sperança. Cascavel: Assoeste, 1992.